

Da actividade perceptiva à actividade imaginária ou Da nudez crua da verdade ao manto diáfano da fantasia

LUIS DELGADO (*)

Esta breve comunicação tem como tema a necessidade inerente ao ser humano de, sempre que confrontado com qualquer situação ou acontecimento, do real, se dar um sentido, uma significação provindo quer do seu racional, do senso comum, o que a torna facilmente partilhável, quer do seu ser afectivo, íntimo, subjectivo, tornando-a mais dificilmente partilhável dado que único.

Esta quase dupla exigência na elaboração do sentido própria do homem na sua interacção com o real constitui o objecto da psicologia projectiva, a qual construiu instrumentos para a operacionalizar. Assinala-se que normalmente os psicólogos manifestam maior interesse pela «conduta» do sujeito, ao passo que os psicanalistas se dedicam à interacção do sujeito com a sua vida íntima e subjectiva.

Para apresentar este tema optei pela utilização simultânea de dois tipos de linguagem, a científica e a metafórica, pois penso que as ciências humanas, nomeadamente a psicologia, se enriquecem, sendo as suas mensagens mais fácil e solidamente assimiladas e divulgadas com o contributo da metáfora.

Assim, apresentaria a seguinte metáfora, ilustrando fundamentalmente dois modos extremos de interacção com o real: um, dominado pela dimensão perceptivo-cognitiva, o outro dominado pelo imaginário.

Tenho dois amigos, um jornalista e outro poeta, portanto dois indivíduos distintos, duas actividades distintas, dois modos diferentes de estar e apreender o mundo. Mas ambos têm um hábito comum: a utilização constante do «caderno de notas» onde fixam fragmentos da realidade, muitas vezes os mesmos. Mas, e isto é que é importante para nós, que uso faz cada um deles desse objecto de recolha e memória da realidade?

Para o jornalista, entre «caderno de notas» e o texto jornalístico, há interposição dum pensamento racional, do «mundo comum da razão». Por seu lado o poeta interpõe entre o «caderno de notas» e a obra poética um pensameento fantasmagórico, o seu mundo privado.

Diria o grande «perscutador da alma» que é Eça de Queiróz: O primeiro fica-se pela «nudez crua da verdade» enquanto que o segundo cobre essa realidade com o «manto diáfano da fantasia». Por seu lado, afirmaria a reconhecida especialista do funcionamento psíquico, N-R de Traubenberg: o pri-

(*) Assistente no ISPA.

meiro privilegia a percepção/reconhecimento da realidade, ao passo que o segundo faz intervir a fantasia/recriação. A mesma verdade enunciada em linguagens diferentes.

Recorrendo ao esquematismo simplificador, poderíamos afirmar que, neste caso, a actividade do jornalista representa a percepção/inventariação da realidade, passeando-se no mundo com os olhos bem abertos, tão abertos que apenas retém a realidade nua e crua, enquanto que o poeta tende a apreender o mundo de olhos fechados, tão fechados que apenas retém a sua realidade interior, subjectiva, os produtos da sua fantasia.

Deste modo o «olho jornalístico» revelaria um estilo dominante de relação e apreensão da realidade, traduzindo uma personalidade e um pensamento organizados sob o primado da realidade, enquanto que o «olho artístico» revelaria uma tendência oposta, traduzindo e revelando um modo de organização da personalidade e um pensamento dominados pelo imaginário.

Mas quer à leitura de artigos do primeiro quer de poemas do segundo, sinto-me sempre parcialmente satisfeito, na medida em que a objectividade e «aridez» do primeiro, na minha opinião e no meu sentir, é tão pobre e parcial quanto a demasiada subjectividade e luxúria fantasista do segundo.

Mas que prazer, que regalo é para mim quando estes dois meus amigos se encontram num serão! A abordagem e explicação do mundo torna-se enfim rica e plena na medida em que este é apreendido e interpretado já não parcialmente, mas globalmente, o jornalista fechando um pouco mais os olhos, o poeta abrindo-os um pouco mais. Vejo então um ser único, de olhos semicerrados, apoderando-se harmoniosamente do mundo, conhecendo e sentindo. Agora sim, vejo equilíbrio e riqueza, pois realidade externa e interna, percepção e imaginário estão intimamente ligados.

Que poderemos concluir desta ilustração

metafórica, necessariamente redutora e simplificadora?

No primeiro caso, assistimos ao «imperialismo do controle, da razão», à «tirania da realidade exterior», ao passo que no segundo caso assistimos ao «imperialismo e tirania da realidade interior, da fantasia»; observámos, por fim, a coexistência pacífica e enriquecedora do real e do imaginário.

Assim, a relação dum sujeito com o real (quer seja na vida real ou no laboratório), reflectindo obrigatoriamente o seu modo dominante de funcionamento psíquico, para ser considerado adaptado, harmonioso e até criativo, deve implicar a capacidade do sujeito de se mover com facilidade entre «o mundo do bom senso e da opinião, e o seu mundo privado da fantasia e não a concentração exclusiva num destes dois sistemas de referência»⁽¹⁾. Noutros termos, diríamos que deverá haver «permeabilidade entre as estruturas e funções do aparelho psíquico, assegurando a comunicação entre elas»⁽²⁾.

É no momento muito particular da «situação de prova projectiva, definida pelos seus três parâmetros fundamentais (estímulo minimamente ou ambigualmente estruturado, instrução de liberdade dada ao sujeito e presença neutral do examinador)» que nos é oferecida a melhor oportunidade para observar de modo claro o jogo dinâmico e sempre diferente entre a actividade perceptiva e a actividade imaginária, e é valorizando principalmente este oscilar constante entre estes dois tipos de actividade, de movimentos (reenviando para funções e estratos psíquicos diferentes) que poderemos definir e caracterizar níveis de flutuação e modos de funcionamento psíquico.

⁽¹⁾ Lagache, D. — Fantaisie, Réalité, Vérité, in Rev. Fr. Psa. XXVIII, 1964, 4, 515-38.

⁽²⁾ Shentoub, V. — À propos du normal et du pathologique dans le T.A.T., in Psych. Fr. (1973), Tome 18, n.º 4, 251-59.